

COVID-19: Festa ilegal de Lagos já soma 111 casos positivos

Foi registado, até à meia-noite de dia 21 de junho, um total de 111 casos positivos

ças com idade igual ou inferior a nove anos.

No Centro Hospitalar Universitário do Algarve (CHUA) – Hospital de Faro continuam duas pessoas em internamento, com 27 e 39 anos de

idade, e no Algarve, até ao fecho desta edição (terça-feira, dia 23 de junho), não há registo de internamentos em cuidados intensivos. Todos os restantes casos mantêm-se em isolamento domiciliá-

rio. Desde o início da identificação de casos referentes ao cluster da festa de Odiáxere já foram realizados cerca de 2500 testes COVID-19.

Entre os casos positivos identificados conclui-se que

74 por cento são pessoas residentes no concelho de Lagos, 17 por cento residem na cidade de Portimão, 6 por cento no concelho de Albufeira e 3 por cento noutros concelhos do Algarve. Até à data não há conhecimento de casos registados fora da região algarvia relacionados com este cluster.



REGIONAL

Faro oferece distribuidores de desinfetante

O município de Faro começou a distribuir dispensadores de gel desinfetante aos comerciantes do concelho no âmbito da iniciativa «Faro Protege». Ao todo, a autarquia, em parceria com a Associação do Comércio e Serviços da Região do Algarve (ACRAL), Associação de Desenvolvimento Comercial da Zona Histórica de Faro (Associação Comércio da Baixa), Associação dos Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve (AIHSA) e a Associação Cultural e Ativista da Baixa de Faro (OCAB)

distribuiu cerca de 1000 dispensadores de gel desinfetante ao comércio local, num investimento total de 89.502 euros (85.793 euros referente aos dispensadores e 3710 euros a gel desinfetante). «A medida visa atrair quem compra e dar segurança a quem vende, e, assim, poderemos ajudar a reforçar um ambiente de confiança entre todos e estimular um regresso à normalidade possível nesta altura», reforçou o presidente da Câmara Municipal de Faro, Rogério Bacalhau.



Pinheiro e Rosa termina aulas presenciais

Ao contrário da expectativa da escola farenses, o caso de COVID-19 que foi confirmado no dia 18 de junho, não era isolado. Testaram positivo à doença mais duas funcionárias segundo informou Francisco Soares, diretor do Agrupamento de Escolas Pinheiro e Rosa, a 21 de junho. Ainda de acordo com o responsável, «as três funcionárias que testaram positivo à COVID-19 têm sido contactadas por mim, encontrando-se assintomáticas e com a coragem necessária para ultrapassarem esta circunstância de infeção. Temos os psicólogos do agrupamento a prestar o apoio necessário a todos quantos sentem maior angústia para lidar com a situação. Temos de assumir que a atual situação relativa à COVID-19, nos impõe um retrocesso relativamente

ao processo de desconfinamento que o país estava a levar a cabo. Não é alheio a este processo, o conjunto de eventos políticos ideológicos e até reivindicativos que conhecemos recentemente e que levaram à negligência de regras de distanciamento social, incentivando a que festejos e outras manifestações de grandes grupos de pessoas viessem a acontecer. Em função dos resultados que a COVID-19 regista atualmente no nosso país e na nossa região em particular, relembramos a necessidade premente de voltarmos a um maior recato no que se refere aos contactos sociais, reduzindo-os ao mínimo indispensável, abstendo-nos de frequentar aglomerados de pessoas a título de festejos comemorativos ou até de reivindicações».

OPINIÃO EFIGÉNIO REBELO | Professor Catedrático na Universidade do Algarve

Sem saúde não há economia, mas sem economia... haverá saúde?

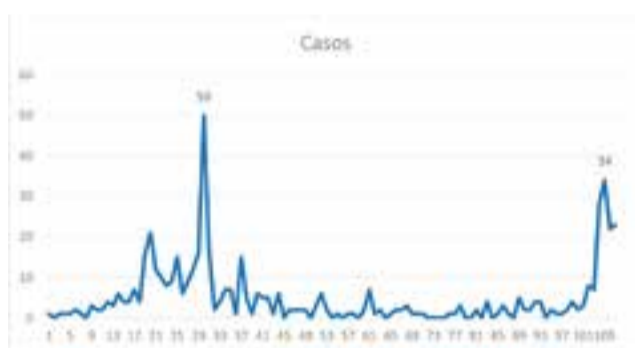
Os 100 casos tão receados afinal já aconteceram. Em seis dias tivemos 122. Com estes resultados, será preciso fechar o Algarve? O que distingue afinal a COVID-19 de uma simples gripe? Diríamos que duas coisas: a rapidez de propagação e as consequências da infeção. O reconhecimento destas duas diferenças levou-nos a um longo e disciplinado confinamento, de forma a evitar uma rutura no nosso Serviço Nacional de Saúde (SNS). Era preciso achatar a curva. Mas, sabíamos bem, que o achatar da curva teria como consequência, aceitável, um prolongamento do processo de pro-

pagação do vírus no tempo. Chegado o momento do *desconfinamento*, não é de surpreender que o aparecimento de casos se perpetue, por mais medidas de prudência que tomemos. Para mais, e ainda bem, a nossa capacidade de testar aumentou, entretanto, consideravelmente. Mais importante do que o número de novos casos é, sem dúvida, a gravidade de que esses casos se revestem. E isso reflete-se no número de internamentos, no número de internamentos em cuidados intensivos, no número de internamentos em cuidados intensivos com ventilação, e no número de óbitos.

Onde está a evidência de que a nossa região voltou a estar em risco? Onde está a evidência de que a curva do Algarve não é suficientemente achatada para podermos garantir que não haverá rutura no nosso SNS? Mas então está tudo bem? Está... vai estandar. E o caso de Lagos terá, espera-se, um efeito dissuasor. Os jovens algarvios tomaram consciência de que comportamentos de risco, mesmo que não ponham em causa de forma grave a sua saúde, porão em causa, certamente, a saúde dos seus familiares mais velhos, em particular se portadores de morbilidades. Então não há problema?

Há. O problema é que o alarmismo irresponsável, fomentado por alguns, terá um elevado preço! Somos uma região parada, ou quase parada, e não podemos continuar assim. Sem saúde não há economia, ... dirão alguns. E dizem bem! Mas sem economia, ... haverá saúde? Importa que todos nós, sem exceção, continuemos a fazer pressão sobre a mola; que não deitemos a perder todo o esforço que fizemos. Mas importa, também, que esse esforço tenha tradução numa recuperação económica, ambientalmente sustentável, que permita assegurar o emprego e o futuro das novas gerações.

Ponto da situação no Algarve, em 20 de junho



1 = 6 março Pico em 30 = 4 de abril com 50 casos
As razões deste novo pico estão identificadas (uma festa em Lagos).



107 = 20 junho novo pico a 18 de junho com 34 casos 1 = 6 março 107 = 20 junho
Não obstante os 122 novos infetados nos últimos seis dias, a percentagem de ativos (entre o acumulado de infetados), subiu apenas de 22% para 35%. Ou seja, apesar deste novo pico, há quase dois terços de recuperados, uma percentagem igual à do País (65%).



1 = 4 abril 78 = 20 junho
Apesar do aumento considerável do número de casos (122 nos últimos seis dias), houve uma pequena subida nos internados: de 3 para 6. Tendo em conta que 66 novos casos em 4 e 5 de abril deram origem a um acréscimo de 10 internados nos quatro dias seguintes, esperar-se-ia que estes 122 novos casos dessem origem a um acréscimo de 18 internados no mesmo período de tempo. Isso não parece estar a acontecer (ainda que não tenham passado ainda os quatro dias), o que significa que estes novos casos não terão a mesma gravidade. É sabido que os jovens têm menor probabilidade de internamento. Mas será esta a única explicação? Aguardemos as conclusões do estudo em que se está a medir a evolução das cargas virais nas águas residuais.



78 = 20 junho 1 = 4 abril 78 = 20 junho
São 18 dias consecutivos (de 2 de junho a 20 de junho) sem ninguém ventilado, nem sequer em cuidados intensivos, e sem um único óbito. De facto, ainda que a taxa de letalidade do País seja uma das mais baixas (3,9%), no Algarve essa taxa é de apenas 2,9%!